

Para além da História em migalhas: entrevista com François Dosse

Marina Monteiro Machado*

Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil

Lucia Maria Bastos Pereira das Neves**

Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil

Beatriz de Moraes Vieira***

Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil

Alexandre Belmonte^β

Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil

Claudio Miranda Correa^{ββ}

Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil

Entrevista realizada em 21 de novembro de 2023, no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UERJ. Transcrição e tradução de **Inoã Pierre Carvalho Urbinati** (Doutor em História pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro; Professor e Tradutor do Francês). Revisão da transcrição e da tradução de **Alexandre Belmonte**.

* Professora Associada da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Ciências Econômicas. Doutora em História Social pela Universidade Federal Fluminense. E-mail: marina.machado@uerj.br
 <https://orcid.org/0000-0001-7093-3904>  <http://lattes.cnpq.br/5955676567988660>

** Professora Titular da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Departamento de História. Doutora em História Social pela Universidade de São Paulo.
 <https://orcid.org/0000-0002-0235-4764>  <http://lattes.cnpq.br/6498404522445333>

*** Professora Associada da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Departamento de História. Doutora em História Social pela Universidade Federal Fluminense.
 <https://orcid.org/0000-0002-5722-9880>  <http://lattes.cnpq.br/3413434339597114>

^β Professor Associado da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Departamento de História. Doutor em História pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro.
 <https://orcid.org/0000-0002-4475-6462>  <http://lattes.cnpq.br/3993398255759739>

^{ββ} Bolsista de Apoio Técnico da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Mestre em História pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro.
 <https://orcid.org/0000-0003-0818-7183>  <http://lattes.cnpq.br/6904705846004432>

Em novembro de 2023, a Embaixada da França trouxe ao Brasil o professor François Dosse, para uma turnê de lançamento do livro *A saga dos intelectuais franceses, 1944-1989* (2023), cuja edição brasileira está publicada em dois volumes pela Estação Liberdade. Acompanhado de seu editor e da representante do Escritório do Livro da Embaixada, Dosse veio até o Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UERJ com duas agendas. Primeiro, para proferir uma conferência de cerca de duas horas, traçando um panorama, bastante sistemático, da atuação dos intelectuais desde o fim da Segunda Guerra Mundial até o bicentenário da Revolução Francesa e a queda do Muro de Berlim. Missão cumprida com excelência, auditório lotado e aplausos de pé. Segundo, para uma entrevista – a muitas mãos, ou bocas – com a Revista Maracanan. Bem habituados com a escrita do autor de *A História em Migalhas*, bibliografia obrigatória das disciplinas de introdução aos estudos históricos país a fora, nossa alça de mira se voltou para questões transversais, que pudessem mobilizar respostas úteis a historiadores experientes e em formação. Assim, a interrogação inicial resultou em um balanço sobre a atualidade da historiografia produzida pela Escola dos Annales. Em seguida, falou-se da abertura da História a outras epistemologias, outras escalas e conexões, à contrapelo das perspectivas eurocêntricas. E, por fim, sobre a importância da produção historiográfica brasileira na área de Teoria da História e História da Historiografia, apesar das limitações idiomáticas de lado a lado.

Entrevistadores: Nossa primeira questão diz respeito à historiografia francesa. Como o senhor vê hoje a escola dita dos Annales?

François Dosse: Bom, primeiramente obrigado por este convite. É um prazer para mim.

De meus colegas brasileiros, tive a sorte de ser traduzido bem cedo... Tive a sorte de ter sido traduzido bem rápido, desde meu primeiro livro, *A História em migalhas*, que faz o histórico da Escola dos Annales, desde a criação, em 1929, por Marc Bloch e Lucien Febvre, em Estrasburgo, da *Revista de História Econômica e Social*. Então, é isso. E eu fazia na época a crítica... Enfim, era mais complicado do que isso. Isto é, eu mostrava a fecundidade dessa Escola dos Annales, do que ela trouxe. Ela trouxe muita coisa para a abertura do campo de investigação do interesse, de curiosidade dos historiadores. Ela tirou, digamos, os historiadores de um estreito corredor de uma História muito politóloga, e de uma História nacional, e “nacionalista”, já que podemos dizer que a História na época – como o disse Yves La Coste a respeito da Geografia, que escreveu um livro, *A Geografia serve em primeiro lugar para fazer a guerra* -, é preciso dizer que a História no século XIX servia sobretudo a fazer a guerra, logo a recuperar para a França a Alsácia e a Lorena, e portanto a glorificar a nação francesa, a ajudar a que os jovens franceses se sacrificassem, eventualmente sua vida para a

nação. Bem, então os Annales tiveram o mérito de sair disso, ao sair da guerra, em 1929, e de abrir, por exemplo, a História à economia, a História à sociedade... Daí o título *Annales de História Econômica e Social*. Então, isso já era uma revolução historiográfica, que eu saudei, evidentemente, em *A História em migalhas*, fazendo a genealogia dessa escola, desde os seus começos. E, em seguida, houve um alargamento ainda maior no plano espacial, com a época de Braudel, que foi muito influente no Brasil. Aconteceu de eu dar uma conferência na USP, no anfiteatro Braudel. E Braudel que, então, expande na geo-história, na economia-mundo, nas relações em torno da Geografia e da História. Então, depois o alargamento prosseguiu com o que eu chamei de terceira geração das Annales... Eis Durie, Jacques Revel, Jacques Le Goff, Duby, enfim, todos esses grandes historiadores, sobretudo medievalistas e modernistas que abriram ao que chamamos a História das Mentalidades. Portanto, não somente a História econômica e social ou geográfica, mas as mentalidades, a relação do homem com a morte, a relação do homem com a sexualidade, a relação do homem com a mulher etc. Tudo isso entrou na perspectiva de interrogação do historiador. Vocês sabem, é muito rico.

Dito isso, minha perspectiva, quando escrevi *A História em migalhas*... Eu mudei. Foi há muito tempo. Então, era mesmo assim uma perspectiva crítica, pois eu via historiadores que davam as costas para a questão da mudança, para a questão do evento, para a questão do sujeito, dos indivíduos, em proveito de teses ao mesmo tempo massivas e quantitativas. Isto é, havia um período que Michel de Certeau chamou "a bebedeira estatística", em que eu cito sempre as palavras de Emmanuel Le Roy La Durie que disse "o historiador de amanhã será programador ou não será", então havia uma visão assim, de uma história-ciência, uma história quantitativa. E, nessa concepção quantitativa da história, privilegiou-se desde Braudel, aliás, com seu conceito de longa duração, e em seguida com Le Roy Ladurie, e seu conceito de história móvel, privilegiou-se a sincronia, privilegiou-se os invariáveis, privilegiou-se as permanências, e evacuamos a mudança, o que provoca um problema, pois para mim a História... Enfim, para mim, em princípio, a História é uma ciência da mudança.

Aí, os historiadores, em sua evolução, viravam as costas ao estudo da mudança. Daí minha abordagem crítica, que na época era realmente muito marcada por, digamos, por um marxismo aberto... Bem, que nunca foi um marxismo estalinista, mas que ainda assim era a perspectiva, então, de uma teleologia, ideia de totalidade histórica, de articulação dos níveis, bem, e nem um pouco mais a minha concepção. E, acontece que meu livro data na França de 1987, e os Annales, para minha grande surpresa, publicaram em 1988, um ano após o meu livro, mais precisamente em abril de 1988, um número de sua revista, em vermelho, então, para dramatizar as coisas, que se chamava *História e Ciências Sociais: a virada crítica*. Bem, e que fazia apelo, num editorial, vejam, fazia a constatação de uma crise de epistemologia, uma crise de orientação dos Annales, fazendo o projeto de um número, que será um número muito interessante, que será publicado no final do ano 1989, que será totalmente consagrado a essa questão da relação História-Ciências Sociais, sobre a questão da virada, uma virada, uma virada necessária, uma virada crítica. O que para mim foi bastante extraordinário, porque, evidentemente, eu não fui citado nessa virada crítica, pois eu havia sido crítico. Então, na

verdade, a respeito de uma situação que era, no grupo, uma situação de crise, isso acentuou, acelerou a crise. Então, eu fui evidentemente muito... estava fora de questão se referir à *História em migalhas* ou a minha pequena pessoa, mas eu estava satisfeito, pois na nova orientação dos Annales – já que vocês me perguntam o que eu penso hoje sobre os Annales – desde essa virada crítica, isto é, no final dos anos 1980, eu posso dizer que me reconheço nas novas orientações da Escola dos Annales, na *Revista dos Annales*, conduzida por uma nova geração que empreendeu uma virada, que é uma virada que eu qualifiquei, em seguida, no *Império do sentido* – que foi publicado no Brasil também –, que eu qualifiquei de virada ao mesmo tempo pragmática e hermenêutica. Isto é, uma virada que se interroga sobre a ação humana e a ação evidentemente conduz à mudança, às transformações. E hermenêutica, porque possui uma dimensão reflexiva, história no segundo nível... valorização do discurso da narrativa e das narrativas diferentes... Bem, então, aí, eu me encontrei ajustado com a orientação que tomaram os Annales. E, o que eu considero hoje é que os Annales representam na paisagem historiográfica francesa uma corrente dentre outras, isto quer dizer que assistimos hoje mais a... já que houve, como diz Ernest Labrousse, houve os Annales militantes, contra a História Metódica, houve os Annales triunfantes, um pouco o histórico que eu faço na *História em migalhas*, o momento triunfal dos Annales, e hoje eu diria que houve apropriação depois da virada crítica, e multiplicação dos polos de interesse dos historiadores, uns estando mais voltados para a História e à Psicanálise, outros para a História Política, e terceiromente, para a História demográfica ou História... Então, há setores que estão mais, na historiografia francesa de hoje, na paisagem, mais voltados... que estão mais na vanguarda, que são mais inovadores. Eu penso em um setor que é tocado por um de meus amigos, que acaba de publicar um livro muito bonito sobre História e Psicanálise, *O Inconsciente como esquecimento da História*, que é Hervé Mazurel, que organiza uma revista muito bonita que é dedicada à História das Sensibilidades. Ele está em uma perspectiva de um historiador de uma outra geração, mais antigo, e que iniciou essa corrente, por exemplo, que é a História das Sensibilidades, que é Alain Corbin. Bem, efetivamente, há aí toda uma geração que se interroga sobre a relação História-Psicanálise, a História e o Corpo, ou História e a Emoção, pronto, e coisas que se referem ao Humano ou são muito próximas do Humano. Esta reorientação, vocês têm uma aproximação extraordinária que deu lugar, aliás, ao ponto de partida do meu último livro, que foi lançado este ano, que se chama *As verdades do romance*, e cujo subtítulo é *História do tempo presente*, que é a aproximação entre História e Literatura. E, quanto a isso eu fico feliz, porque a História na verdade se constituiu historicamente cortando o cordão umbilical com os literários – os cargos de História provinham das Letras, dos currículos de Letras e do que deu lugar a uma disciplina, a História, que se profissionalizou, mas se cortando, virando as costas para a Literatura e para as Letras, e estando inspirada mais pelo polo científico, e as ciências humanas portando o sucesso de Lévi Strauss, dos invariantes, etc., fazendo deportar a História para o lado da cientificidade.

Então, hoje a situação é muito diferente, e vocês têm toda uma série de pessoas que destacaram o fato de que a História é primeiramente e antes de tudo uma narrativa. Eu penso

evidentemente no livro de Michel de Certeau, *A Escrita da História*. Eu penso no livro de Paul Veyne, que o precede, aliás, *Como se escreve a História*. Eu penso em Ricoeur e em sua trilogia *Tempo e Narrativa*. Bem, e então hoje, evidentemente, com a narrativa, nós estamos cada vez mais próximos dos romancistas, das pessoas que vinham da Literatura, e como a literatura hoje – o que eu digo no meu livro *As verdades do romance* –, como a literatura se debruça hoje sobre a sociedade, sobre sua história, sobre seu passado, sobre a memória. Então, nós temos uma proximidade, uma porosidade entre essas duas formas de expressão, romancesca e histórica, que hoje faz com que vocês tenham o que nós chamamos romances historiadores, que não são os romances históricos clássicos, mas são romances que adotaram a metodologia histórica da investigação, da interrogação etc.

Uma outra grande transformação que eu vejo na paisagem historiográfica atual é a atenção às singularidades. Singularidades, por exemplo, houve um gênero que era detestado, proscrito durante muito tempo, como vocês sabem, é o gênero biográfico. Escrever biografia não era recebível em História. Pois então, hoje as biografias se multiplicam, pois justamente é uma bela escola de complexidade e uma bela escola antirreducionista. Nós operamos muito com... Isso traduziu o retorno do sujeito, de uma certa maneira, um sujeito que não é o retorno... Eu, ao mesmo tempo, coloco sempre aspas em “retorno”, porque nunca é o retorno dele mesmo, é evidentemente o retorno do sujeito com todos os avanços que o precederam, da Psicanálise, da Antropologia, que não permitem ter uma visão do sujeito assim, transparente, mas atenção a essas singularidades, a esses ensaísmos. Então, é uma questão de biografia. Vocês sabem que eu publiquei um livro, que se chama *A Aposto biográfica*, que é traduzido, aí também... É publicado no Brasil. Além disso, a volta do evento, a volta do evento com relação às estruturas que foram valorizadas. Vocês têm de fato, e eu dediquei também um livro, que se chama *Renascimento do evento: o historiador entre esfinge e fênix* que mostra que o evento, que havia sido banido – eu lembro a vocês as palavras de Fernand Braudel, “o evento é o inimigo das ciências sociais”, “o inimigo das ciências sociais”¹ –, alguns até disseram que não havia nada para ser pensado quanto ao evento. O próprio Braudel dizendo que o evento é a superfície das coisas, é insignificante. Hoje nos interrogamos sobre a importância dos eventos. E porquê nos interrogamos sobre a importância dos eventos?

Bem, porque saímos dos esquemas causais, mecanicistas. E, efetivamente, o evento é quase um enigma, e um enigma que não cessa de se mexer. Ele não está na encruzilhada das causas... É muito mais complexo do que isso. E, eu cito sempre essas palavras de Michel de Certeau, que modifica completamente nossa relação com o evento: “o evento é o que ele se

1 Nota do transcritor/tradutor: Expressão repetida pelo entrevistado.

torna”, “o evento é o que ele se torna”.² Isto quer dizer que é indefinido, ele é retomado pelas gerações seguintes que lhe fazem perguntas, que lhe dão um sentido diferente. E isso, essa modalidade, essa novidade, ela foi evidentemente orquestrada por Nora em *Os Lugares de Memória*, na relação História-Memória, que faz com que a memória modifique e module, transforme os eventos, que podem ser reprimidos, colocados por debaixo do tapete ou, ao contrário, tornarem-se obsessivos. E, além disso, há um inovador, aliás, que precede *Os Lugares de Memória*, sobre o qual eu lembro que as publicações dos sete volumes dos *Lugares de Memória* se situam entre 1984 e 1993, mas havia um iniciador na pessoa de Georges Duby, que desde 1973 se dedicou a um evento que é Bouvines. É uma batalha do século XIII, e ao invés de se contentar de contar o evento, ele inova, pois vê justamente o evento naquilo que ele se torna na memória coletiva francesa, até o momento em que ele escreve essa batalha, em 1973. Isto é, como esse evento foi de fato importante e, em seguida, nada importante na memória nacional. Isso conta muito, isso nos muda de... Vocês veem, a perspectiva do historiador não é mais como indicava fazer, contar a História passada tal como ela se passou. Essa é a fórmula clássica do Positivismo. É verdade que é preciso evidentemente contar o passado tal como ele se passou, mas não basta, quer dizer, este passado... Eu retomo aí um termo de Ricoeur, o evento é “supersignificante”. Bom, depende do qual, há alguns que são mais “supersignificantes” do que outros. É certo que a Tomada da Bastilha, por exemplo, para a História nacional francesa, é particularmente “supersignificante”, que o Mayflower é “supersignificante” para os norte-americanos quanto à sua identidade nacional. Então, há eventos “supersignificantes”, que são retomados no futuro e em sua factualidade, mas para além da factualidade, em seu valor simbólico, no valor, na memória coletiva. Quero dizer, a Tomada da Bastilha, em si mesma, como evento, se não falamos de seu valor simbólico, não é nada, nem sequer havia... quase não havia prisioneiros na Bastilha. Então, abrir a Bastilha [era] praticamente sem sentido, senão um sentido simbólico muito forte, já que praticamente se tornou o símbolo da França. Então, e dizemos, tomar Bastilhas, tomar a Bastilha etc. Então, há efetivamente, vocês veem, um alargamento hoje do campo, uma nova aliança, eu diria, que se estabelece entre nós com os literários, com a Literatura e os historiadores. Estamos numa configuração bastante nova, e muito rica, da paisagem historiográfica, mesmo se a História vai bem, mas vivemos uma crise de identidade - mas isso é um outro tema. Isto é, a relação Passado-Presente-Futuro está em crise, isto é certo, e isso nos interpela, os historiadores, em primeiro lugar, mas não apenas, evidentemente. Logo, vivemos uma crise de historicidade, mas a disciplina tende a ir bem.

2 Nota do transcritor/tradutor: Expressão repetida pelo entrevistado.

Entrevistadores: A segunda questão se apoia numa tendência que nós conhecemos hoje em A segunda América latina, ou seja um forte questionamento do caráter eurocêntrico da nossa historiografia. Como o senhor vê essa situação? Dito de outra forma, como o senhor vê o eurocentrismo e sua problematização pelos estudos latino-americanos?

François Dosse: Bom, então, eu vi suas questões... Sobre essa questão eu serei menos prolixo, porque eu não conheço, são vocês que conhecem, que terão de me ensinar sobre o contexto latino-americano, e uma tonelada de historiografia no Brasil. Sobre isso é vocês que podem me ensinar coisas. Bem, o que pude constatar, é que não é mais como uma terceira questão. Mas sobre o alargamento, sobre o alargamento com relação à nação, incontestavelmente é uma via nova na França, ou em outro lugar, que tenta descompartimentar e ir além dos interesses nacionais da História, sair do quadro estritamente nacional ou mesmo do quadro estritamente europeu das coisas. Então, nesse ponto, eu penso que temos um atraso um pouco... Um atraso com relação ao pós-colonial, que estão mais desenvolvidos nos *campi* norte-americanos. Eu não sei nem um pouco como aqui isso se passa e.... Mas, incontestavelmente, hoje vocês têm uma tomada de consciência da necessidade de mudar de escala de análise, então isso não significa necessariamente... Eu quero dizer uma escala mundial, porque quando temos... Vocês têm também uma grande influência da *Microstoria* que toma uma escala... chamamos de grande escala... Quero dizer, dos pequenos, dos pequenos elementos... E analisa como uma exceção ordinária de uma singularidade que é significativa. Mas hoje, por exemplo, temos um grande livro coletivo, que foi dirigido por Patrick Bûcheron, chamado *A História Mundial da França*. Portanto, que ao mesmo tempo toma o terreno da História francesa, mas que a analisa em cada elemento a partir de uma escala mundial e que abre a perspectiva para tentar desnacionalizar o discurso histórico francês. Vocês têm um trabalho notável, aí também vai no sentido do que chamamos A História conectada, *Connected Stories*, que é o trabalho de Romain Bertrand, que fez um trabalho notável, que se chama, o título é significativo, *A História em partes iguais*. O objeto da demonstração desse historiador que é Romain Bertrand, da nova geração, é estudar a colonização holandesa na Indonésia, mas não na perspectiva clássica, mesmo aberta, que teria sido, de ter de historicizar uma página da colonização, mas sim uma História em igual medida. Isto é, trabalhar no arquivo que ele pode encontrar na Indonésia e o arquivo que ele pode encontrar na Holanda, e ver em quê, finalmente, na relação com o outro, as coisas mudaram. Não tomando o ponto de vista somente dos Holandeses que chegam na Indonésia, mas o ponto de vista dos Indonésios, que veem chegar os Holandeses. E, portanto, há aí toda uma sinergia da relação com o outro, da alteridade, que está acontecendo, e sobre a qual não sabemos no que desembocará. Portanto, na indeterminação que é o futuro, e que tenta justamente sair do esquema eurocêntrico, porque ele fornece no começo de seu livro o que diz Braudel. Ele que, no entanto, tinha aberto no nível geográfico seu espaço à economia-

mundo, que permanecia um discurso muito eurocêntrico, enquanto que aí, temos uma relação muito, muito, muito aberta às conexões, e às... Aí também às mutações na conexão, como coisas são apropriadas por uma sociedade diferente e como ela faz disso um uso simplesmente diferente de dominados... Mas, como ela disso se apropria para fazer alguma coisa por ela mesma, pronto. Então, não há mais apenas essa relação dominantes-dominados, do esquema colonial clássico, mas esse desejo de simetria. Mas é apenas, em minha opinião, um prolongamento francês de um movimento normal de abertura para o mundo, já que hoje nos damos plenamente conta de que os fenômenos acontecem cada vez mais em escala mundial e, portanto, que é preciso sair do isolamento nacional. Então, é evidentemente um canteiro bastante fecundo, e penso que seus estudos latino-americanos são também, vão também nesse sentido. Isto é, de interrogar, e aí ainda eu me referiria à maneira como Michel de Certeau define a operação historiográfica. A operação historiográfica é o produto de três coisas: um lugar, uma prática e uma escrita. Portanto, sobre cada arquivo histórico é preciso interrogar os três, na sociedade na qual.... Não somente dos vencedores, mas dos vencidos, como diz Nathan Wachtel, que fez um livro muito inovador há muito tempo, sobre a visão dos vencidos, mas essa visão dos vencidos não é apenas uma visão, é também transformação social, societária, importante e uma mudança com relação ao outro. Bem, chegamos a sua terceira questão.

Entrevistadores: Enfim, nosso terceiro problema. Nós gostaríamos de saber como o senhor acompanha a produção historiográfica brasileira, levando em conta sua turnê atual no Brasil e o impacto do lançamento de seu novo livro.

François Dosse: Sim, então, aí também é uma questão a qual eu estou em bastante dificuldade de responder a vocês, porque eu conheço muito mal a evolução historiográfica brasileira para trazer quaisquer respostas à sua terceira questão. Simplesmente minha impressão, mas é um impressionismo, é que como eu disse durante minha estadia no Brasil, é a décima vez que eu venho ao Brasil. Portanto, para mim, eu já o disse, é um pouco uma terra de escolha. Eu tenho quase mais livros publicados no Brasil do que na França, pelas traduções, pelo fato que publicaram no Brasil coletâneas de artigos. Eu penso, por exemplo, à *História à prova do Tempo*, que é uma coletânea de artigos lançado pela editora da UNESP, e que não se encontra na França, é uma exclusividade brasileira, brasilo-brasileira. Então, o que eu constato aí é que realmente – já que minha área é a historiografia – o que eu senti imediatamente no Brasil, desde minha primeira viagem, que data de 1995, é um interesse pelo que podemos chamar de Teoria da História, a Historiografia. Eu diria mesmo que no início, mas talvez eu me engane, mas não o penso, eu diria mesmo que naquele momento, vocês estavam à nossa frente, porque nós... O fato de instalar nos meus estudos históricos a Historiografia – eu penso por exemplo no nosso livro lançado em brochura de bolso, em *folio*, na Gallimard, que eu

codirigi com amigos, que se chama *Historiografia: conceitos e debates*, onde mobilizamos aí toda uma série de historiadores. Trata-se de uma área na qual eu contribuí com outros para dar uma visibilidade e uma importância na França, que ela não tinha de forma alguma. A historiografia foi considerada durante muito tempo como as delícias de Cápuia, ou... pronto, para de fato aproveitar o tempo e o clima da praia de Ipanema... Hoje, a historiografia se tornou algo que se instalou nos currículos universitários, que é uma... Nosso livro, nossos dois livros, são de cabeceira nos currículos dos estudantes. Bem, desde o começo dos anos 1990, eu realmente senti que os historiadores estavam muito sensíveis a essa questão histórica, à teoria. Sem dúvida por razões institucionais, porque nós na França estamos ligados, por razões nacionais, aos geógrafos. Isto é, quando você segue estudos de História, você deve pegar uma subdominante geografia, e você se torna professor de História e de Geografia. Em todo caso, colégio e liceu, é o caso, foi meu caso durante muito tempo. Eu era professor de História e de Geografia, ainda que meus alunos me dissessem: “é verdade, senhor, é verdade que o senhor é professor de Geografia?” Eu fazia 80% de História e 20% de Geografia [risos]. Mas, bem, então eu conheço mal o currículo de seus estudos universitários, mas tenho a impressão de que vocês estão – com base na experiência que tenho de meus contatos com brasileiros - mais ligados à Filosofia do que nós, a proximidade é maior. Então, vocês fazem questões epistemológicas, metodológicas, que nós começamos agora a nos colocar, mas demoramos para as colocar nesse plano, porque as relações entre filósofos e historiadores na França sempre foram um pouco conflituosas. Os historiadores mantinham os filósofos longe, primeiro porque eles não compreendiam seus discursos e, segundo, porque os filósofos olhavam os historiadores com muito desprezo: “não, mas, o que é que... o que é esse subproletariado que nos apresenta assim ideias, ao mesmo tempo em que nada conhece sobre Platão, Aristóteles, Kant ou Hegel?”. Então, havia esse olhar assim altivo, desprezo dos filósofos e, pois, dos historiadores, que se mantinham a distância, dizendo “nós somos pessoas sérias, falamos de fatos etc.”. As coisas mudaram muito, mas é muito recente, é muito recente. Ricoeur contribuiu muito para esse... Certeau, também, é claro, mas Ricoeur enquanto filósofo, grande figura da filosofia e, justamente, por sua postura notável, que foi de renunciar a essa posição de altivez. Isto é, Ricoeur não estava lá para dar lições aos historiadores, a prova é que quando ele preparou a *História da Memória...* (sic) *A Memória, a História e o Esquecimento*, sua obra sobre a História, ele me pediu para acompanhar seu rascunho, então era uma prova de modéstia extraordinária de sua parte, e é o único filósofo que eu conheço dessa dimensão. Basta lê-lo, aliás, *A Memória, a História, o Esquecimento*, para ver isso, que ele lê os historiadores. Ele lê Bernard Lepetit, lê Ginzburg, lê Jacques Ruel, lê e comenta [John O’Malley] etc. E ele o lê enquanto filósofo, depois ele o lê, lê Pierre Nora, seus textos, *Os Lugares de Memória*. Então, a relação ao... Justamente, eu falava momentos antes da relação, da reaproximação, entre a Literatura e a História, à qual eu dediquei esse livro, *As verdades do romance...* Mas, pronto, podemos dizer o mesmo da nova aliança dessa relação Filosofia-História, que hoje é nova, e que corresponde a uma fase nova, que eu chamaria a Fase Reflexiva da História. Isto é, a História no segundo nível, a questão de que não nos contentamos de

contar os fatos, mas refletimos sobre eles justamente em relação ao seu significante. É um significado que, vejam, que evolui no tempo.